

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SALVAR A CINEMATECA BRASILEIRA!
6 de Outubro de 2021

ESTOU ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR / 2019

um filme de MARCELO GOMES

Realização e Argumento: Marcelo Gomes / **Fotografia:** Pedro Andrade / **Design de Som:** Nicolau Domingues / **Som:** Pedro Moreira, Moabe Filho / **Montagem:** Karen Harley / **Música:** O Grivo.

Produção: Carnaval Filmes / **Co-Produção:** Misti Filmes, REC Produtores Associados (Brasil, 2019) / **Produtores:** Nara Aragão, João Vieira Júnior / **Direção de Produção:** Luna Gomides / **Cópia:** em DCP, cor, falada em português / **Duração:** 86 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** 9 de Fevereiro de 2019, Festival de Cinema de Berlim / Primeira exibição na Cinemateca.

com a presença de Marcelo Gomes

Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar é mais uma viagem de Marcelo Gomes pelo Nordeste Brasileiro, região que conhece bem. Nesta sua nova longa-metragem, o realizador centra-se na pequena cidade de Toritama, no interior do Pernambuco, terra que conhece desde criança, quando acompanhava o seu pai em viagens de trabalho, sinónimo do “Agreste da infância” do cineasta e de um mundo rural que já não existe. A radical transformação sofrida pela região alude a sua voz *off* introdutória e o comentário que nos guiará ao longo de cerca de hora e meia de filme, num documentário que revela como Toritama, cidade rural do Agreste nordestino se converteu no maior centro de produção nacional de jeans. Uma terra que, com os seus cerca de 40.000 habitantes, produz anualmente 20 milhões de pares de jeans, como não se deixa de apregoar.

É a especificidade de Toritama face a outros grandes centros de produção têxtil mundial que conduz à especificidade do tema que Marcelo Gomes se propõe documentar, pois como poderemos ver nas suas imagens e sons, a par das grandes fábricas, a produção têxtil da cidade assenta sobretudo na multiplicação de pequenas fábricas caseiras, que surgem a cada esquina, a que os seus habitantes chamam “fações”. Ao contrário de tantos outros filmes, Gomes não pretende assim retratar apenas como o mundo da produção industrial pode assentar na exploração de mão-de-obra barata, mas como se comportam vários dos trabalhadores quando se assumem como os seus próprios patrões em fábricas improvisadas em que laboram com as suas famílias, quase sem parar.

Filmando este microcosmo, Marcelo Gomes revela inteligentemente as contradições do capitalismo moderno e das aspirações de um conjunto de homens e mulheres que, orgulhosos de decidirem o seu destino, se submetem a condições de trabalho extremas,

cuja única pausa anual coincide com a semana do Carnaval, em que exercem o direito ao descanso e à felicidade em praias para onde partem em massa.

Como tão bem retrata **Estou me Guardando para Quando o Carnaval Chegar**, o Carnaval é o único momento em que as máquinas de costura deixam de trabalhar (para lá dos Sábados). Momento de pausa e de silêncio que rima com a cidade das ruas desertas onde poucos se moviam num passado distante. Cidade suspensa num tempo breve que rima ainda com os poucos sobreviventes desse mundo rural, como o pastor de cabras que perde parte do seu rebanho na estrada repleta de carros, mas que continua a acreditar que cada um deve fazer o que gosta. Para Marcelo Gomes (e para o filme) o “encontro com o Sr. João, o único que tem tempo para olhar para o céu” é a possibilidade de fuga ao ritmo acelerado do cotidiano e a possibilidade de reencontro com as paisagens rurais da sua infância.

E o que capta a câmara do cineasta: os testemunhos e as vidas daqueles que trocaram anos de trabalho numa fábrica que faliu por uma máquina de costura; de jovens pais de família que começam a trabalhar na infância; ou de uma mulher que, entre a descrição do trabalho ininterrupto, confessa como faz uma pausa para o almoço e outra para ir “fazer o jantar a casa”. Como que antecipando ou contradizendo as críticas do exterior, são vários aqueles que aludem à sua sorte. “A vida é difícil”, diz o realizador face aos relatos de um rapaz que começou a trabalhar aos treze anos”. “Não é não”, responde o rapaz. Afirmção que conflui numa demonstração comum da felicidade por uma “independência” que justifica jornadas diárias infundáveis. As vidas, as aspirações e os desejos dos protagonistas são assim usados para revelar os excessos e contradições de um modo de vida singular. Gomes não adopta uma perspectiva paternalista, nem pretende propriamente julgar, mas o modo como se articulam os testemunhos converge no sentido da revelação da falta de sentido dessa escravidão autoinfligida. O momento em que o filme é mais abertamente crítico é quando revela como o trabalho se articula com a vivência do Carnaval, encarado como possibilidade de transgressão dessa lógica de acumulação. Período de todos os excessos, que aqui justifica a venda de bens essenciais para viabilizar as curtas férias. Nesse sentido é muito curioso que o cineasta passe a câmara para as mãos de uma das famílias filmadas para que esta registe o lazer, depois de o realizador ter filmado o trabalho.

Como confessou o Marcelo Gomes numa entrevista: “Filmes sobre sweatshops, mostrando como os trabalhadores braçais são vítimas do capitalismo, já há vários por aí. O que temos em Toritama é uma situação complexa, não queria vitimizar ninguém. O que me interessava era ouvir os desejos e os sonhos dessas pessoas que se apegam à ideia da autonomia, de ser o próprio patrão, sem perceber que estão sendo escravizadas por elas mesmas. É um filme que expõe a farsa do neoliberalismo. Fala de um Brasil que ninguém conhece. Toritama é uma China com um Carnaval no meio.”

Joana Ascensão